

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico Tnhaba — Lisboa • Telefone 1
Officina de impressão — Rua da Alameda, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A guerra social

A Igreja Católica e a Polónia

IX

As condições em que a Polónia tem vivido há século e meio impediram o polaco de se libertar do poder que a Igreja Católica Romana exerce sobre a Polónia. A manutenção deste poder tem dado lugar à supressão da independência da Polónia. Este mesmo fenómeno sociológico, consistindo em o clero católico romano se apoderar dum povo, encontra-se no extremo ocidente da Europa, na Irlanda, no oeste americano e no Canadá francês. E é devido à mesma causa: a submissão dum povo a um Estado cujo governo e povo professam religião diferente. Além, a ortodoxia grega e o luteranismo; a quem o anglicano e o não-conformismo. Nestes países, cujos donos professam uma religião diferente, o clero autóctono, natural defensor da fé, é também muito nativista, o representante e o defensor da língua e dos costumes. O clero foi, portanto, o ponto de apoio da resistência ao jugo estrangeiro. E isto deu-se pelo facto do agrupamento numa associação internacional, como é a Igreja Católica Romana, constituir uma força muito mais importante que a dos indivíduos dispersos: operários camponeses, burgueses ou nobres. A igreja tornou-se, portanto, o núcleo em volta do qual se agruparam as esperanças, as vontades, os esforços pela independência nacional. Por conseguinte, igreja e nação confundiram-se. E formaram um todo único. E esta fusão, esta unidade, subsistirá pela força das coisas enquanto a nação não for independente. Sómente com a realização da independência poderá aparecer nestas nações libertadas os elementos de dissociação do poder clerical.

Portanto, a Polónia mostrou, sob a influência do condicionamento da sua história, o fenómeno sociológico constante nestas dadas condições: a identificação da nacionalidade com a religião. O clero, defensor da fé, da nacionalidade, dos costumes, da língua, adquiriu, no decurso dos séculos, uma influência social considerável, que é tanto maior quanto mais isolado tende a ser o povo — subdito do povo senhor. E o clero torna-se então um dos factores — e, sob certos aspectos, o mais poderoso dos factores determinantes da conduta das massas populares.

Por outro lado, o clero católico romano faz parte de um todo: a Igreja Católica Romana, corpo hierarquizado, possuidor duma doutrina e duma política bem assente, posto que oportunista nos meios. A base desta política é a conquista do poder político ou a aliança, a união com os que o detêm, resultando deste facto que o clero romano, em toda parte, quando não é mais ou menos herético, é uma força de apoio à reacção, ao conservantismo. E sempre aliado do fidalgo, do capitalista terreno ou não. Para estes, a religião é um instrumento de domínio. E servem-se dela para alargar e conservar o seu poder.

A influência clerical exerce-se, portanto, sempre favoravelmente aos detentores da riqueza. Este fenómeno sociológico, constante no curso da história, aparece actualmente em plena luz na Baviera, na Hungria e na Polónia. O partido católico bávaro é o símbolo da reacção. E o mesmo se dá com o clero e o Junkerismo húngaro, o clero e o Junkerismo polaco.

Esta influência social do padre polaco explica-nos a razão porque o aldeão polaco não osout apoderar-se das terras, na posse dos fidalgos, posto que em espírito aspirasse a esta posse com todas as fibras do seu ser, o que aliás se dá com todos os camponeses deste mundo. A influência do clero católico exerce-se sobre todas as classes sociais. A burguesia comerciante e industrial apoia-se sobre o clero, que domina parcialmente a burguesia intelectual. Esta influência clerical explica, em parte, o antigo semitismo dos polacos e os «prógonos» mais permanentes na Polónia. E preciso não esquecer que se o papa branco é italiano, o papa negro, o geral da ordem dos jesuítas, é um nobre polaco. E preciso também não esquecer que a Companhia de Jesus teve sempre em vista o poder temporal, a aquisição de riquezas, assim como de territórios. Ora os seus chefes constataram que o Ocidente europeu lhes escapava. Sabem que o seu poder na América do Norte se, como eles esperam, se alargar, será sempre sustentado pelo clero individualista, democrático, dos povos norte-americanos. Portanto, o seu esforço exerce-se, principalmente sobre os povos católicos da Europa Central e Oriental, a fim de se apoderarem deles, para servir os seus fins. Pensam que os povos da Alemanha do Sul, da Polónia e da Hungria, acuradamente habitados à disciplina militar, à obediência aos seus senhores, farão um terreno próprio para tallar Estados jesuítas, que em realidade formarão um único Estado sob as diferentes denominações de Baviera, Hungria e Polónia.

O Estado polaco, reconstituído nos seus limites anteriores a 1762, é senhor grande via de comunicação: Mar Báltico — Mar Negro. Estende-se de Danzig (Odessa), por uma linha marítima, na sua órbita. A posse dos caminhos marítimos é o fim a que sempre visaram os vários capitalistas. O alemão pretende o de Hamburgo-Bagdad. O britânico pretende o do Mar Báltico-Golfo Pérsico e tem feito todos os esforços para realizar o seu desejo dissociando a Ásia, encadendo-se os pequenos estados alógenos que se formam nestas regiões da Europa e da Ásia.

A Companhia de Jesus e o capitalismo britânico têm os mesmos fins, estado portanto em conflito de interesses. Por isso, a política britânica ergue-se contra a Polónia dos fidalgos, enquanto que a política francesa, dirigida pelo malleum francês, em parte jesuíta, e pela diplomacia francesa, jesuíta na sua totalidade, põe a sua influência à disposição da Polónia reacçãoária.

A Companhia de Jesus tem tanto mais interesse em dominar o novo Estado polaco, que ela pretende, por outro lado, apoderar-se do caminho do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico, pela Ásia Menor, por intermédio das tropas francesas, senhores de Danzig-Odessa, ficaria também senhora do Mar Báltico-Golfo Pérsico. A política britânica procura evitar este perigo para a sua hegemonia comercial na Índia. Eis porque se tem esforçado em, por um lado, favorecer os reinos na Ásia Menor, e, por outro, em pôr entraves à expansão da política francesa na Síria. Consequentes sucessos no começo. Mas o advento ao poder, na França, de um militar, criatura do grande capitalismo francês, desmoronou os seus planos, porque este sucedeu a subordinação do seu predecessor à política britânica, e esforçou-se por inaugurar uma política própria, no interesse dos seus patrões, os capitalistas, financeiros e industriais franceses. A política britânica tem feito um jogo de gato e rato, fazendo ao mesmo tempo concessões à França e subjugando uma política de paz com a Rússia dos Soviéticos.

Desta forma, o capitalismo britânico, colocado entre a revolução e a reacção, escolheu a revolução, porque espera trinar desta.

Mas não se enganem-se. A humanidade segue o seu destino inelutavelmente. O processo da evolução humana faz-se seguindo as direcções que a sociologia cria, com uma rigidez inabalável e imodificável pelos desejos, pelas vontades dos actos dos homens que procuram detê-la ou modificá-la.

Augustin Hamon.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Falta de religião — D. Maria Veleza, de cujos sentimentos humanitários admiramos, lamenta, no *Século* (da noite) a proclamação dos atentados, a grande falta de religião com que o povo se debate. Uma naturalmente D. Maria Veleza, que se houvesse religião, decerto não haveria mortes violentas. O que não sabemos é como explicará a senhora os crimes que se cometem no tempo em que a humanidade não tem fé, isto é, na época da imbecilidade. De resto, também quasi todos os crimes da Europa mantinham boas relações com o papa — o representante de Deus na terra — tiveram uma influência de mortes com a sua guerra de religião.

Emcrentos — O *Século* (da noite) diz-nos que se há a fazer uma guerra, arroz e bacalhau. Quem não sabe tudo isso é o sr. Alvaro de Lacerda. Não sabemos qual o poder do arroz e do bacalhau? E os val-nos, arroz, azeite, arroz e bacalhau? Quanto basta saber. Não esperamos que tenham levado toda a vida a esperar.

Me tree — Sob o título *Os nossos mestres*, publica a *Manhã*, em quasi todos os seus números, uma frase arrancada daqui ou de ali, que lhe sirva para a água a correr para o seu

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Na jurisdição concernente às subsistências prepondera agora um senhor que me dizem chamar-se Alvaro de Lacerda e eu não tenho o gosto de conhecer. A escolha do sr. Lacerda para a superintendência do alimentício suporta que foi fundamentada suficientemente. Conhecedor profundo das questões económicas, figura de vulto na Associação Comercial de Lisboa, sabendo tudo quanto lhe ensinaram e parece que alguma coisa mais, o sr. Lacerda é positivamente o predeterminado *right man*, o homem capaz de vir endireitar isto. Para bem desempenhar a sua missão e cabalmente confirmar as esperanças que toda a população nele deposita, foi o sr. Lacerda vascularizar os entrepostos aduaneiros em busca de cereais, legumes, tubérculos e combustíveis. Encontrou apenas uma substância escura e avariada que, afeita pelo olfacto, se revelava em alcatrão impraticável. Falida esta diligência, o sr. Lacerda voltou-se para o leite, e teve um rasgo de inspirada sapiência, qual foi o de aumentar o preço do produto para quarenta centavos o litro, mas pensa já, segundo um jornal diz, em estabelecer um preço mais reduzido, para benefício do consumidor. A última medida do sr. Lacerda confirma em absoluto os seus créditos de superior economista. Trata-se de limitar sobriamente as refeições fornecidas nos hotéis e restaurantes. Não mais banquetes pantagruélicos, não mais festins descomulgados, dêses em que os novos ricos se comprazem. O país tem fome, faltam-lhe os viveres, e é preciso, consequentemente, pôr coto a dissipações gastronómicas. Nos hotéis e restaurantes, por mais opulentos que pretendam ser, o almôço constará de dois pratos apenas. Aos Gresus de muito alimento tem de moderar-se-lhes o apetite. Dois pratos e nada mais. O primeiro poderá ser modestamente constituido por dois ou três linguados fritos, ou por seis ou sete filetes de bom peixe. O segundo prato vamos que seja um bife de libra, com acompanhamento de ovos em número correspondente. Uma fatia de queijo, um ou dois *puddings*, que calham muito bem depois da fruta, o cafézinho para fazer boca ao charuto de oito ou dez tostões, seis cálices de *cointreau*, e temos o almôço terminado. O jantar tem também dois pratos, além da sopa. Nada mais. Ah! senhores burgueses, isto agora vai ficar mais fino! Por virtude desta democrática medida, criada no raro engenho do sr. Lacerda, também vós, endinheirados pródigos, sabereis o que é a fome, e deste modo tomareis conhecimento directo da miséria do país. Dois pratos, apenas... O decreto, dizem os jornais, hoje talle o publique o *Diário do Governo*. E como se cuidará de garantir o seu cumprimento, para evitar que iludam os gloteis as expressas disposições da lei, consumindo, na sua voracidade, mais do que os frugais repastos demarcados no sublime decreto? O sr. Lacerda tratou disso. E, na impossibilidade de pôr um argus, sóbrio e incorruptível, à beira de cada comensal, para verificar-lhe a temperança, imaginou um corpo especial de fiscalização, a criar proximamente, para surpreender as transgressões à lei, avaliando, nos W. C. públicos e privados, a quantidade de produtos ingeridos pela quantidade de substância digerida. A modos que estão em construção para auxílio d'este serviço uns novos aparelhos denominados pesa... Nem dizemos o resto, não vá o sr. Lacerda supor que estou de má fé a rimar com o nome dele...

Quasi todos os jornais, ao relatarem a agressão de que antontem foi alvo o juiz do Tribunal de Defesa Social, se mostraram assás indignados, levando alguns deles tam longe a sua convencional cólera contra o autor do acto, que terminam, invariavelmente, como é costume — mas só quando se trata de operários, porque, não sendo, diversas são as conclusões a que chegam — por pedir para o jovem sindicalista o que eles chamam um exemplar castigo.

Alguns dêses jornais vão mesmo mais longe, posto que, na ânsia de apresentarem o agressor como uma criatura da pior espécie, e não podendo chamar-lhe gatuno nem mandrião, porque êle exerce a profissão de marceneiro e vivia do produto do seu trabalho, acolmam-no de clínico, só porque teve a coragem de reivindicar para si toda a responsabilidade do seu gesto, assumindo sosinho as concomitantes responsabilidades, attitude de que não seriam capazes muitos dos birones estivessem que ora lhe mordem nas canelas.

Não pretendiam nós que essa imprensa elogiasse o rapaz pelo seu gesto violento, que é papel que para nós próprios não tomamos, e mais compreendemos o móbil do seu acto.

Mas as almas diamantinas que tam espectacularmente estigmatizam agora o operário que, arriscando a vida, foi, em pleno dia e num sitio concorrido, alvejar a tiro uma criatura que faz parte dum tribunal de excepção, não sendo certamente tam ingenuo que não calculasse que punha em jogo a sua liberdade e em risco a vida; essas almas puras não tiveram uma palavra de repulsa, um assomo de indignação para com os bandidos que, pela calada da noite, traiçoeiramente, abusando da situação que lhes emprestava a sua qualidade de guardas do preso, alvejavam mortalmente o homem que conduzia para uma esquadra.

Para esses, cujo acto é duma cobardia inqualificável, não tem a imprensa burguesa, não se encontram num só dos jornais de Lisboa duas palavras de severa exprobração contra tamanha perversidade. Pelo contrario: aqueles jornais que, como o *bandoleiro* d'rua Formosa, não encabeçam o fugidio rego da scelerada scena com o titulo de *Pena de talão* — expressão que aliás dá corpo às arraigadas suspeitas que alimentamos acerca dos autores da torpe façanha — aparecendo ligar crédito à absurda versão que os da policia fizeram correr, pretendem convencer os seus leitores que os tiros que prostraram Manuel Vieira junto do quartel da guarda republicana partiram dum grupo de amigos daquelê, tiros que teriam a magia de atingir o preso e não beliscar sequer os agentes em cujo centro marchava!

Fantástico, não acham?

Outra versão que a policia agita, no evidente intuito de afastar as suspeitas que recaem sobre os que o conduzião — e ela é tam inacreditável como a que — é a de que o preso foi ferido pelos seus próprios amigos, que procuraram liquidá-lo para evitar que êle, entrando no caminho das revelações, como chegou a fazer, os compromettesse.

Repugnantes pantomimeiros!

Nos desejamos que eles nos expliquassem como é que os supostos amigos de Manuel Vieira adivinharam que êste havia de sair às 21 e meias horas do governo civil e como adivinharam também que êle havia de passar pela calçada dos Paulistas!

Gostariamos que esclarecessem ainda.

A agitação em Espanha
Prisão dum sindicalista — Os mineiros de Rio Tinto
MADRID, 21. — Na calle Peligros foi detido um sindicalista de acção directa quando fazia coacção sobre os operários da construção civil que estavam trabalhando, ameaçando-os de morte.

O ministro do trabalho está convencido que em breve se solicitará o confilto mineiro de Rio Tinto. O director das minas partiu para Londres, onde vai obter do Conselho de administração o máximo de concessões que se podem fazer aos operários, esperando-se que elas sejam suficientes para resolver o confilto. — *Rádio*.

A policia surpreende uma reunião de sindicalistas
BARCELONA, 21. — Na associação da Arte de Imprimir foi efectuada uma busca pela policia, surpreendendo-se numa reunião clandestina sindicalista, sendo effectuadas varias prisões e encontrados varios documentos. O governador liga grande importância a esta diligencia policial. — *Rádio*.

Operários que regresam ao trabalho
BILBAU, 21. — Aumenta dia a dia o numero de trabalhadores que se apresentam ao trabalho nos molhes. A autoridade continua tomando grandes precauções a fim de evitar os incidentes dos últimos dias. — *Rádio*.

Uma explosão de dinamite
CORDOVA, 21. — Num mercaderia da proxima povoação de Posadas deu-se uma formidável explosão de dinamite, ficando a loja completamente destróida e gravemente ferida o filho do dono. A explosão foi motivada por o dono, com outros sindicalistas, estar experimentando cartuchos, um deles explodiu destruindo-lhe a mão e provocando a explosão dos outros. — *Rádio*.

A CILADA DE ANTEONTEM QUEM SÃO OS ASSASSINOS?

A craveira moral da imprensa O que pensamos sobre o caso

Quasi todos os jornais, ao relatarem a agressão de que antontem foi alvo o juiz do Tribunal de Defesa Social, se mostraram assás indignados, levando alguns deles tam longe a sua convencional cólera contra o autor do acto, que terminam, invariavelmente, como é costume — mas só quando se trata de operários, porque, não sendo, diversas são as conclusões a que chegam — por pedir para o jovem sindicalista o que eles chamam um exemplar castigo.

Alguns dêses jornais vão mesmo mais longe, posto que, na ânsia de apresentarem o agressor como uma criatura da pior espécie, e não podendo chamar-lhe gatuno nem mandrião, porque êle exerce a profissão de marceneiro e vivia do produto do seu trabalho, acolmam-no de clínico, só porque teve a coragem de reivindicar para si toda a responsabilidade do seu gesto, assumindo sosinho as concomitantes responsabilidades, attitude de que não seriam capazes muitos dos birones estivessem que ora lhe mordem nas canelas.

Não pretendiam nós que essa imprensa elogiasse o rapaz pelo seu gesto violento, que é papel que para nós próprios não tomamos, e mais compreendemos o móbil do seu acto.

Mas as almas diamantinas que tam espectacularmente estigmatizam agora o operário que, arriscando a vida, foi, em pleno dia e num sitio concorrido, alvejar a tiro uma criatura que faz parte dum tribunal de excepção, não sendo certamente tam ingenuo que não calculasse que punha em jogo a sua liberdade e em risco a vida; essas almas puras não tiveram uma palavra de repulsa, um assomo de indignação para com os bandidos que, pela calada da noite, traiçoeiramente, abusando da situação que lhes emprestava a sua qualidade de guardas do preso, alvejavam mortalmente o homem que conduzia para uma esquadra.

Para esses, cujo acto é duma cobardia inqualificável, não tem a imprensa burguesa, não se encontram num só dos jornais de Lisboa duas palavras de severa exprobração contra tamanha perversidade. Pelo contrario: aqueles jornais que, como o *bandoleiro* d'rua Formosa, não encabeçam o fugidio rego da scelerada scena com o titulo de *Pena de talão* — expressão que aliás dá corpo às arraigadas suspeitas que alimentamos acerca dos autores da torpe façanha — aparecendo ligar crédito à absurda versão que os da policia fizeram correr, pretendem convencer os seus leitores que os tiros que prostraram Manuel Vieira junto do quartel da guarda republicana partiram dum grupo de amigos daquelê, tiros que teriam a magia de atingir o preso e não beliscar sequer os agentes em cujo centro marchava!

Fantástico, não acham?

Outra versão que a policia agita, no evidente intuito de afastar as suspeitas que recaem sobre os que o conduzião — e ela é tam inacreditável como a que — é a de que o preso foi ferido pelos seus próprios amigos, que procuraram liquidá-lo para evitar que êle, entrando no caminho das revelações, como chegou a fazer, os compromettesse.

Repugnantes pantomimeiros!

Nos desejamos que eles nos expliquassem como é que os supostos amigos de Manuel Vieira adivinharam que êste havia de sair às 21 e meias horas do governo civil e como adivinharam também que êle havia de passar pela calçada dos Paulistas!

Gostariamos que esclarecessem ainda.

A agitação em Espanha
Prisão dum sindicalista — Os mineiros de Rio Tinto
MADRID, 21. — Na calle Peligros foi detido um sindicalista de acção directa quando fazia coacção sobre os operários da construção civil que estavam trabalhando, ameaçando-os de morte.

O ministro do trabalho está convencido que em breve se solicitará o confilto mineiro de Rio Tinto. O director das minas partiu para Londres, onde vai obter do Conselho de administração o máximo de concessões que se podem fazer aos operários, esperando-se que elas sejam suficientes para resolver o confilto. — *Rádio*.

A policia surpreende uma reunião de sindicalistas
BARCELONA, 21. — Na associação da Arte de Imprimir foi efectuada uma busca pela policia, surpreendendo-se numa reunião clandestina sindicalista, sendo effectuadas varias prisões e encontrados varios documentos. O governador liga grande importância a esta diligencia policial. — *Rádio*.

Operários que regresam ao trabalho
BILBAU, 21. — Aumenta dia a dia o numero de trabalhadores que se apresentam ao trabalho nos molhes. A autoridade continua tomando grandes precauções a fim de evitar os incidentes dos últimos dias. — *Rádio*.

Uma explosão de dinamite
CORDOVA, 21. — Num mercaderia da proxima povoação de Posadas deu-se uma formidável explosão de dinamite, ficando a loja completamente destróida e gravemente ferida o filho do dono. A explosão foi motivada por o dono, com outros sindicalistas, estar experimentando cartuchos, um deles explodiu destruindo-lhe a mão e provocando a explosão dos outros. — *Rádio*.

NOTAS & IMPRESSÕES

DINHEIRO

É execrável o maldito. Fonte de prazeres, de inflações para uns e de mananciais de eternos sofrimentos para outros, raios alegres para alguns, torrentes de lágrimas para muitos, ele corroi tudo com o seu poder ilimitado e estupidamente fascinante. Guarda-avancada do privilégio, encontra-se com Cérebro na demofania mansão. — A porte do Preconceito, defendendo com unhas e dentes a entrada do seu inferno, um inferno de opulência e esplendor, um inferno agradável e atraente, eldorado de delícias e pèrsumes, de comodidades e bem-estar. Com êle se compra tudo: consciéncia e caracteres, diamantes e esmeraldas, honra e vergonha, pudor e vícios caros.

É êle que desencadeia as guerras e fomenta a indisciplina. Sustentáculo dos reis e suporte das democracias, tudo se transforma a sua aparição como se se tratasse da varinha mágica dalguma boa fada dos contos de Grimm. Não é só um agente de troca; é também a pedra de toque da humanidade, a verdade, inchada da sua posse como se, apesar de toda a sua força, de todo o imenso prestigio que emana da sua cobardia, êle fosse capaz de dar a felicidade ao que a não tem, o sossego a quem o não possui, o amor a quem êle falta, a saúde ao paraliçado, a mãe ao engeitado.

Ah! como eu o detestoi! Como odeio o miserável quando cai no chapeu roto e se boba do mendigo que não tem ânimo para estender a mão! Essas mãos enlaidadas que o atraem à face dos que tombaram, vencidos, como uma cruel chicotada lançada pela felicidade no dorso das bestas que lhe puxam a carruagem, nem se lembram, na embriaguez do seu gesto magnânimo, que há criaturas sem tecto e bocas sem pão que tem produzido a riqueza esbanjada em orgias e festins degradantes só tème, para sua suprema vergonha, a esmola para viver, migalhas para matar a fome. O dinheiro!

É êle que desenvolve a crápula e o vício, e torna mais saliente, mais flagrante, sem necessidade de propagandas terroristas, a divisão dos homens, cavando mais e mais a discordância e o ódio. Semeia o luto e a discórdia, e as suas rodélas loiras sintetizam a revolta e o desprezo; são lágrimas metalizadas, dos esfiarrapados e dos humildes.

Quero maldito, arrogante e poderoso: não te invejo, tenho-o ódio. Sem ti nada se consegue, sem ti nada se faz e no entanto tu destróis em vez de construir, porque as tuas obras, no fim de contas, assentam sobre a mentira.

Será preciso, pois, destruí-lo também para que se gese alguma paz na terra.

Antero de LIMA.

OPINIÕES SUBVERSIVAS

SÔBRE ATENTADOS

Quem me conhece através do ponco que tenho escrito sabe que amo a paz, a harmonia e a beleza. Nunca empunhei a pena senão para lamentar a miséria humana, para fugitar a injustiça, para proclamar bem alto o direito à liberdade. Portanto, um espírito como o meu opõe à morte, um grande amor à vida, à doença, um grande amor à saúde; à opressão um grande amor à liberdade.

Não costume apaixonar-me repentinamente pelos factos, sem os examinar profundamente. O atentado antontem realizado por um rapaz novo contra a vida do dr. Felix Horta não tem, para mim, o significado que os jornais lhe quizeram dar. Eu não o tonio como causa, vejo nele um efeito, efeito funesto, sem dúvida, das centenas de injustiças que as instituições, dia a dia, vão praticando.

O atentado contra Felix Horta é uma vingança, como vingança foi o que vitimou o dr. Pedro de Matos. A vingança nunca foi uma causa, mas sempre um efeito. Estes atentados tiveram a sua origem e, enquanto essa origem não for eliminada, é natural, é fatal que os atentados não deixem de se produzir. A origem da vingança é quasi sempre uma injustiça. A injustiça, neste caso, é a existência dum tribunal iníquo (como todos os tribunais) mas êste mais iníquo do que todos os outros. Elimine o tribunal e terão acabado com os atentados.

Ninguém pode negar a veracidade destas palavras. De resto a questão é fácil de examinar. Se nós a despirmos de todas as retóricas balofoas com que a opinião burguesa a veste, a verdade apparecerá, irradiando uma luz intensa, clara, que todos poderão ver. Os atentados não se davam se o tribunal não existisse.

Para que serve então o tribunal especial, que uma lei scelerada, uma lei de excepção, criou? Para dar origem a desordem, à justa vingança dos que por êle são atingidos.

Os governos vêem essa desordem caminhar, e inventam «agitadores» que singestionam as multidões, arrastando-as ao crime; os bem-aventurados, os bem-jantados, a quem as difíceis digestões perturbam o funcionamento regular do cérebro, vêem apenas o gesto vingador d'ou de aquelle que dispara contra os executores dessa lei, mas não pensaram sequer — para sua própria tranquillidade — em anulá-la, em fechar êsse tribunal.

Tomam medidas que mais exaltam os ânimos; provocam a repressão, aumentam a injustiça fazem verter mais lágrimas. Não querem compreender que a sua injustiça, dá margem a uma forte reacção; que a violência gera a violência; que as lágrimas dumas mães trazem as lágrimas de outras!

A condenação injusta que o dr. Pedro de Matos sancionou causou a dor, a miséria de varias famílias, as lágrimas de muitas mães. Que disseram os jornais a êsse respeito? Comoveram-se? Classificaram de violenta tal decisão? Não. Limitaram-se a publicar uma pequena noticia na terceira página, dizendo terem sido condenados os *criminosos* fulano e sicrano. Quando se prendem trabalhadores, quando se lhes batem prisões, quando se lhes rouba todas as liberdades, quando se enviam desgraçados para as colónias e por lá se deixam morrer de fome, lamentam-se as instituições. Revoltam-se os juizes? Escrevem crónicas sentimentais os lite-

ratos? Não. Que importa que sofram algumas dezenas de párias? O que é necessário é a ordem. Que possam dormir descansados, o capitalista e o assambarcado, os políticos viderinhos e os ministros incompetentes. Quanto ao resto... O resto nada é para essa gente, para os super-homens, para os deuses infalíveis, que tem nas mãos os destinos da sociedade.

Se um individuo mais consciente, coraçao sensível à miséria e à injustiça, se ergue indignado e comete uma violéncia — embora originada na violência das instituições — contra um dos que contribuem para manter êste cinismo social, chamam-lhe criminoso e aparece, por vezes, um *Escalpo* que lhe põe algumas penas. E nada fazem para mostrar ao povo a razão que assiste ao homem que pratica um gesto dêses, porque — não tenho receio de o afirmar — um homem dêses tem razão.

Não é de toda a justiça que o que é atacado se defende? O que foi o gesto dêses rapazes senão uma defesa? Há um tribunal que se propõe esmagar sistematicamente todos aquelles que se revoltam contra a defeituosa organização social. Não é perfeitamente lógico que os interessados, os revoltados, tentem destruir êsse tribunal? A sociedade é iníqua, os proprios republicanos o tem confessado. Para que se organiza então um tribunal a fim de defender essa iniquidade?

Ent, que não sou capaz de matar uma formiga; eu, que amo a vida, a paz e a liberdade, justifico o acto daquelles que em nome da vida, da liberdade humana, se deixam arrastar pela idea da vingança, destruindo tudo quanto impeça a realização dum ideal sublime, dêse amor à vida e à liberdade.

É lamentável a morte dum homem que se opõe à felicidade e liberdade de muitos homens?

Que pensaram a êste respeito os republicanos, quando da morte de D. Carlos e de D. Luis Filipe? Não contribuíram essas mortes para o mais rápido triunfo da república? Não eram D. Carlos e D. Luis Filipe os símbolos da tirania monárquica? Não vieram algumas liberdades (embora poucas) após a sua morte, após a proclamação da república? Nesse tempo o a origem do mal era a realza. E acabou-se com ela de qualquer modo, não se olhando a processos. O rei e o príncipe, o primeiro principalmente, opondo-se à liberdade de muitos homens, estavam fora das leis humanas. Eram uma espécie de feras que necessário se tornava caçar, para segurança do povoado.

Mais tarde, não se leu com a morte de Sidónio Pais? Dizem que sim. E os factos assim o demonstram. Sidónio era um homem? Para nós, tiranizados, espancados, não. Sidónio estava fora de toda a piedade, porque foi injusto, porque consentiu que inúmeros crimes se praticassem sob a sua responsabilidade. Se não os podia evitar, abdicasse! Não abdicou; foi, para êle, mais forte a vaidade de ser presidente do que o sentimento de justiça. Quem perde o sentimento de justiça, o respeito pela liberdade da maioria, não merece respeito, nem contemplações!

Tudo isto é, de facto, lamentável. Mas tem que se dar. É uma lei da natureza, que pode qualquer aprender, lendo a história.

Se se quizer atacar as instituições tem que se atacar também os homens que as

NOTAS & IMPRESSÕES

DINHEIRO

É execrável o maldito. Fonte de prazeres, de inflações para uns e de mananciais de eternos sofrimentos para outros, raios alegres para alguns, torrentes de lágrimas para muitos, ele corroi tudo com o seu poder ilimitado e estupidamente fascinante. Guarda-avancada do privilégio, encontra-se com Cérebro na demofania mansão. — A porte do Preconceito, defendendo com unhas e dentes a entrada do seu inferno, um inferno de opulência e esplendor, um inferno agradável e atraente, eldorado de delícias e pèrsumes, de comodidades e bem-estar. Com êle se compra tudo: consciéncia e caracteres, diamantes e esmeraldas, honra e vergonha, pudor e vícios caros.

É êle que desencadeia as guerras e fomenta a indisciplina. Sustentáculo dos reis e suporte das democracias, tudo se transforma a sua aparição como se se tratasse da varinha mágica dalguma boa fada dos contos de Grimm. Não é só um agente de troca; é também a pedra de toque da humanidade, a verdade, inchada da sua posse como se, apesar de toda a sua força, de todo o imenso prestigio que emana da sua cobardia, êle fosse capaz de dar a felicidade ao que a não tem, o sossego a quem o não possui, o amor a quem êle falta, a saúde ao paraliçado, a mãe ao engeitado.

Ah! como eu o detestoi! Como odeio o miserável quando cai no chapeu roto e se boba do mendigo que não tem ânimo para estender a mão! Essas mãos enlaidadas que o atraem à face dos que tombaram, vencidos, como uma cruel chicotada lançada pela felicidade no dorso das bestas que lhe puxam a carruagem, nem se lembram, na embriaguez do seu gesto magnânimo, que há criaturas sem tecto e bocas sem pão que tem produzido a riqueza esbanjada em orgias e festins degradantes só tème, para sua suprema vergonha, a esmola para viver, migalhas para matar a fome. O dinheiro!

É êle que desenvolve a crápula e o vício, e torna mais saliente, mais flagrante, sem necessidade de propagandas terroristas, a divisão dos homens, cavando mais e mais a discordância e o ódio. Semeia o luto e a discórdia, e as suas rodélas loiras sintetizam a revolta e o desprezo; são lágrimas metalizadas, dos esfiarrapados e dos humildes.

Quero maldito, arrogante e poderoso: não te invejo, tenho-o ódio. Sem ti nada se consegue, sem ti nada se faz e no entanto tu destróis em vez de construir, porque as tuas obras, no fim de contas, assentam sobre a mentira.

Será preciso, pois, destruí-lo também para que se gese alguma paz na terra.

Antero de LIMA.

OPINIÕES SUBVERSIVAS

SÔBRE ATENTADOS

Quem me conhece através do ponco que tenho escrito sabe que amo a paz, a harmonia e a beleza. Nunca empunhei a pena senão para lamentar a miséria humana, para fugitar a injustiça, para proclamar bem alto o direito à liberdade. Portanto, um espírito como o meu opõe à morte, um grande amor à vida, à doença, um grande amor à saúde; à opressão um grande amor à liberdade.

Não costume apaixonar-me repentinamente pelos factos, sem os examinar profundamente. O atentado antontem realizado por um rapaz novo contra a vida do dr. Felix Horta não tem, para mim, o significado que os jornais lhe quizeram dar. Eu não o tonio como causa, vejo nele um efeito, efeito funesto, sem dúvida, das centenas de injustiças que as instituições, dia a dia, vão praticando.

O atentado contra Felix Horta é uma vingança, como vingança foi o que vitimou o dr. Pedro de

